



Etnogastronomia e Intercâmbios nas Rodas de Terapias Tradicionais em prol do Bem Viver no Vale do Rio Doce/MG

Ethnogastronomy and Exchange in the Wheels of Traditional Therapies for the Good Living in Vale do Rio Doce /MG

VIEIRA, Maria Eliana Barbosa Pereira (Mayô Pataxó) ¹; TEIXEIRA, Reinaldo Duque Brasil Landulfo ²; SILVA Shirley Adilson (Djukunã Krenak) ³; OLIVEIRA, Jaqueline Rocha⁴
UFJF, mayopataxo@gmail.com.br¹; UFJF, rduquebrasil@yahoo.com.br ² ; UFJF, krenak31@hotmail.com³; UFJF, jaquelinegeoufv@yahoo.com.br⁴

Eixo temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este relato socializa as experiências de Etnogastronomia durante as Rodas de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra. Esses são eventos de extensão organizados pelo Núcleo de Agroecologia da UFJF/*Campus* Governador Valadares e outros parceiros. Foram realizados 6 eventos em diferentes municípios do Vale do Rio Doce, cuja a alimentação é feita com a participação da comunidade, valorizando sua agrobiodiversidade e tradições culinárias locais. As Rodas são frutos do trabalho coletivo e tem o objetivo de contribuir para a troca de saberes entre a universidade e as comunidades tradicionais. As experiências de etnogastronomia são compartilhadas a partir da metodologia de intercâmbios interculturais. Como resultado, elucidam-se estratégias para formação de educadores populares, terapeutas tradicionais e multiplicadores da filosofia do Bem Viver e da etnogastronomia, além da construção de políticas públicas junto às comunidades tradicionais com suas práticas alimentares ancestrais.

Palavras-Chave: Agroecologia; Medicina Tradicional; Bem Viver; Educação Popular em Saúde.

Keywords: Agroecology; Traditional Medicine; Good Living; Popular Education in Health.

Contexto

A região do Vale do Rio Doce historicamente é marcada pela devastação do seu bioma mata Atlântica, desde o início da colonização, com o etnocídio de várias populações indígenas Krenak. Em 2016 aconteceu a catástrofe da barragem de Mariana e a morte do Watú (Rio Doce). A crise hídrica na região trouxe um agravante maior: a pobreza e as doenças de pele.

Nesse contexto os povos do campo e da cidade estão mobilizaram para criação das Rodas de Terapias Tradicionais e Saberes da terra, objetivando ser uma rede de partilha de saberes agroecológicos e ancestrais, para conservação e manejo da Sociobiodiversidade e os direitos dos agricultores, povos e comunidades tradicionais, sobretudo, a partir da medicina tradicional.

Segundo Organização Mundial de Saúde a prática da medicina tradicional é como um conjunto de práticas, enfoques, conhecimentos e crenças sanitárias diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, animais e/ou minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios aplicados de forma individual ou em



combinação para manter o bem-estar, além de tratar, diagnosticar e prevenir enfermidades. (OMS-2013, p.33)

De acordo com a PNEPS (Política Nacional de Educação Popular em Saúde) constituem-se por meio da apropriação e interpretação do mundo pelas classes populares, a partir da sua ancestralidade, de suas experiências e condições de vida, contemplando a escuta e o saber do outro na qual o sujeito é percebido em sua integralidade e pertencente a um determinado contexto sociocultural.

As práticas da medicina tradicional fortalecem as manifestações etnoculturais das comunidades e povos tradicionais. Conforme PNEPS (Política Nacional de Educação Popular em Saúde) estas práticas são desenvolvidas por diversos atores em distintos espaços, desde o espaço familiar, comunitário e mesmo institucional. Entre os muitos exemplos das práticas populares de cuidado e de seus atores podem ser citados raizeiros, benzedeiros, erveiros, curandeiros, parteiras, práticas dos terreiros de matriz africana, indígenas dentre outros.

Portanto, a medicina tradicional compreende a Memória Ancestral, a Educação Oral, o Mundo do Sagrado no conjunto de suas danças e cantos, brincadeiras e jogos, ritos e rituais, formas artesanais e pinturas, como também, a vasta Cosmogonia Ameríndia (mitos, contações, histórias e relatos inclusive sobre o surgimento do povo, da língua e das divindades).

Durante as Rodas de Terapias Tradicionais, observamos os costumes alimentares das comunidades e a ligação das práticas de educação em saúde e Agroecologia. As memórias de práticas alimentares ancestrais geram empoderamento no cuidado com a saúde, sendo, portanto, parte da medicina tradicional.

Goody (1982), por sua vez, lembrou que a cozinha também é um sistema alimentar, valendo-se da ideia que para pensá-la é preciso levar em consideração a produção, distribuição, preparo e consumo do alimento e como se articula à organização social.

A industrialização dos alimentos e o intenso uso de agrotóxicos, gera um problema de adoecimento das pessoas e um desanimo do preparo dos alimentos. A comida é vista como mercadoria! Contudo, torna-se emergente reinventar a Agroecologia pelo viés da cozinha, onde os alimentos agroecológicos são cuidados com o toque dos campos da energia da afetividade.

Assim, vemos a importância da alimentação agroecológica não só no que consiste a sua produção, renda e comercialização dos produtos pela agricultura familiar, mas também a partir da etnogastronomia.

A etnogastronomia, elucida vivências, práticas e partilhas de saberes tradicionais da alimentação, que estão intrinsecamente ligados aos costumes, rituais e a história cultural de um povo ou comunidades tradicionais, através de recursos da agrobiodiversidade.



O antropólogo norte-americano Sidney Mintz (2001) explica que os hábitos alimentares são veículos de profunda emoção. Para o autor, a comida e o comer são centrais no aprendizado social por serem atividades vitais e essenciais, embora rotineiras. Roberto da Matta (1986) em seu livro “O que faz o Brasil, Brasil?” revela a expressão cultural na alimentação, diferenciando o alimento da comida, dado que o alimento nos mantém vivos, já a comida gera comunhão de acordo com as ritualísticas sagradas.

Descrição da Experiência

A construção metodológica da roda é embasada nos intercâmbios agroecológicos, no círculo de cultura e nos princípios do bem viver. Conforme Zanelli (2015), os procedimentos básicos na realização dos Intercâmbios envolvem oito etapas: mobilização; mística de abertura; apresentação dos participantes e das organizações; história da família anfitriã; caminhada pela propriedade; partilha de conhecimentos; oficinas; trocas de sementes e mudas e confraternização.

Nessa perspectiva, conseguimos visualizar e refletir a pedagogia de Paulo Freire na metodologia do círculo de cultura. De acordo com Brandão (2010) nos Círculos de Cultura cada grupo cultural representa uma forma original e autêntica de ser, viver, sentir e pensar. Cada cultura só se explica de seu interior para fora, e seus fundamentos 'vivos-e-pensados' devem ser fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social.

Segundo Alberto Acosta (2011) O Bem Viver é uma filosofia em construção, e universal, parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com Teko Porã dos Guaranis. Está também na ética e na filosofia Africana do Ubutum-“Eu sou porque nós somos”.

Quando pensamos na pedagogia das Rodas de Terapias Tradicionais, a temática do Bem Viver abre um horizonte de possibilidades para pensarmos um novo mundo possível para se viver. Por pedagogia ancestral do bem viver, a autora Catitu Tayassu (2012) compreende: a Memória Ancestral, a Educação Oral, o Mundo do Sagrado no conjunto de suas danças e cantos, brincadeiras e jogos, ritos e rituais, formas artesanais e pinturas, como também, a vasta Cosmogonia Ameríndia (mitos, contações, histórias e relatos inclusive sobre o surgimento do povo, da língua e das divindades, mas sobretudo, as medicinas sagradas).

A partir dessa construção metodológica, as práticas de etnogastronomia são compartilhadas durante as Rodas de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra, que acontecem no Vale do Rio Doce em Minas Gerais. Todas as atividades tiveram sua gênese a partir do Núcleo de Agroecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF/*Campus* Governador Valadares, tendo como referencial os princípios da Agroecologia e do bem viver. Foram realizados 6 eventos em diferentes municípios:



Tarumirim e Governador Valadares em 2016; Santana do Paraíso e Coronel Fabriciano em 2017; Dom Lara - Caratinga 2018 e Marliéria em 2019.

Na perspectiva da pedagogia do bem viver, as entidades parceiras, juntamente com as comunidades anfitriãs, organizam o evento buscando sempre a inclusão e participação dos mestres (as) populares e grupos folclóricos da comunidade local e vizinhas, além de palestras, rodas de conversa e oficinas de saberes tradicionais e práticas de cuidado em saúde. Durante as rodas, a alimentação é feita com a participação da comunidade local, procurando valorizar sua agrobiodiversidade e tradições culinárias. Essa construção coletiva da etnogastronomia resulta em uma mesa com comidas tradicionais indígenas e afrodescendentes e, portanto, uma diversidade agroecológica.

Resultados

Durante as Rodas de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra, observamos a etnogastronomia do Vale do rio doce através do preparo da mandioca de sete ervas, uma comida Afro-ameríndia sagrada cuja cosmologia ancestral é relatada como um alimento sagrado aprendido a partir dos sonhos, onde vários povos compartilham.

Outras práticas etnogastrômicas são: torta de ora pro nobis, biscoito de farinha de jatobá, farinha de jatobá, pão farinha de ora pro nobis e banana, doce de jenipapo, carne de jaca, costelinha de porco caipira com ora pro nobis, farofa de PANCs (plantas alimentícias não convencionais), serralha, jequiri, almeirão roxo, picão, caruru, folha de batata doce, capuchinha, broto de taboa, broto de bambu, angu de banana verde, biscoitos de farinha de banana e café agroecológico, bolo de abacate vegano, bolo pamonha de milho crioulo, bolo vegano da semente de cacau, bolo de mandioca, beiju indígena assada na folha de banana, leite de inhame com coco, leite inhame com sementes de cacau, leite de girassol com coco, frango caipira com quiabo, frango caipira com ora pro nobis, paçoca de amendoim com 7 ervas, paçoca de amendoim com rapadura, biscoito de polvilho assado na folha de banana, broa de fubá assada na folha de banana

É válido destacar uma tecnologia social que contribuiu na diversificação da alimentação: o desidratador solar feito com a reutilização da geladeira. Nele foram feitas farinhas, banana passa e manga passa.

As Rodas de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra elucidam novas estratégias para formação de educadores populares, terapeutas tradicionais e demais multiplicadores da filosofia do Bem Viver e da etnogastronomia. Numa dimensão de fortalecimento das práticas de Educação Popular em Saúde, as pessoas das comunidades parceiras empoderaram-se através das Rodas de Terapias Tradicionais, sobretudo, no processo de preparo dos alimentos.

Desse modo, realizar as Rodas de terapias é uma forma de respeitar, integrar, contemplar a cultura, os saberes, as tradições, as memórias e as línguas dos povos



tradicionais. Esse é um campo vivo, em movimento, cuja História (mais oral que escrita) considera os processos de pertencimento quanto aos saberes primeiros/primitivos, ligados à educação milenar desses mesmos povos referente ao cuidado da Terra. Elucidam-se assim, elos de ligação entre o Território do Sagrado, a ancestralidade, o processo educativo da Agroecologia e os direitos dos Povos e comunidades tradicionais no que refere a filosofia do Bem Viver.

Portanto, as Rodas de terapias tradicionais configuram-se como um momento de muitos aprendizados na realização dos Intercâmbios e de partilha de alimentos, na construção coletiva dos conhecimentos agroecológicos. Além disso, reforçam a necessidade da construção participativa de políticas públicas junto às comunidades tradicionais com seus conhecimentos e práticas alimentares ancestrais.

Agradecimentos

Gratidão ao Núcleo de Agroecologia da UFJF/*Campus* Governador Valadares, ao professor Reinaldo Duque-Brasil, a Associação de Terapeutas das Culturas Tradicionais, a Majú Escola de Terapias Tradicionais e Saberes da Terra, ao Centro Agroecológico Tamanduá e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Governador Valadares.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda, São Paulo: Editora Elefante, 2011.

BRANDÃO, Carlos, Rodrigues. Círculo de Cultura. In: STRECK, R, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, J, Jaime (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rer.amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 69-70.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

GOODY, Jack (1982), **Cooking, cuisine and class**. Cambridge, Cambridge University Press.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Estratégias da Organização Mundial de Saúde' (OMS) para a medicina tradicional** (2014 a 2023). Disponível em: <<https://terapeuticasmaoconvencionais.wordpress.com/2015/03/11/o-que-diz-a-oms-organizacao-mundial-de-saude-sobre-as-medicinas-alternativas/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE. **Carta**: a Educação Popular em saúde e o governo popular e democrático do Partido dos Trabalhadores. Nós da Rede - Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde. Recife, n. 3, p. 6-8, 2003.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



MINTZ, Sidney. Comida e antropologia - uma breve revisão. **Revista brasileira de ciências sociais**, Rio de Janeiro, v.16, n.47, out. 2001.

TAYASSU, Catitu. **Práticas ancestrais, práticas orais**: ouvir, cantar, contar, ler, narrar, perpetuar. Londrina: EDUEL, Dourados: UFGD, 2012.